

ARQUEOLOGIA DO CONTEXTO DO RIO JAURU (MT) IMPACTADO PELO GASODUTO BOLÍVIA – MATO GROSSO

Gilson Rodolfo Martins*
Emília Mariko Kashimoto**

MARTINS, G.R.; KASHIMOTO, E.M. Arqueologia do contexto do rio Jauru (MT) impactado pelo gasoduto Bolívia-Mato Grosso. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 10: 121-143, 2000.

RESUMO: Este artigo objetiva compreender as relações existentes entre os vestígios arqueológicos coletados nas pesquisas de resgate arqueológico realizadas na região do médio curso do rio Jauru, Estado de Mato Grosso, Brasil, e os índios Chiquito, atualmente habitantes na região.

UNITERMOS: Resgate Arqueológico – Rio Jauru, Estado de Mato Grosso – Índios Chiquito.

Introdução

Com vistas a atender a crescente demanda por energia elétrica no Estado de Mato Grosso estão em execução projetos de construção de unidades geradoras, tais como a Usina Termelétrica de Cuiabá (*UTC*) que utilizará como combustível o gás natural proveniente das jazidas bolivianas. Este empreendimento, sob a responsabilidade da empresa Gasocidente do Mato Grosso Ltda. (*Gasocidente*), motivou a construção de um gasoduto interligando as regiões de Santa Cruz de la Sierra (Bolívia) e de Cuiabá.

No trecho brasileiro desse gasoduto, o *transect* projetado possui 267 km de extensão,

aproximadamente. Iniciando-se na divisa com a Bolívia, nas proximidades da cidade boliviana de San Matias, percorre, em seguida, os municípios mato-grossenses de Cáceres, Poconé, Nossa Senhora do Livramento, Várzea Grande e Cuiabá. Em boa parte do percurso, o traçado é retilíneo e paralelo à rodovia BR 070, destacando-se, como exceção, o trecho da Província Serrana de Cáceres.

A tubulação, com um diâmetro de dezoito polegadas, foi depositada em uma vala de oitenta centímetros de largura e um metro e meio de profundidade. A faixa de trabalho, quando por ocasião da implantação da obra, possuía uma largura de trinta metros. Nas travessias dos quatro rios principais da região – Jauru, Padre Inácio, Paraguai e Cuiabá – não foram abertas valas, sendo os tubos instalados sob os leitos fluviais, por meio da perfuração direcional, preservando-se, assim, os cursos d'água e suas margens.

Em atendimento à legislação em vigor, a empresa (*Gasocidente*) contratou a FAPEC –

(*) Laboratório de Pesquisas Arqueológicas do Departamento de História do Centro Universitário de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

(**) Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do Museu Dom Bosco da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande/MS.

Fundação de Apoio à Pesquisa, Ensino e Cultura, sediada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, para a elaboração e execução de um projeto de mitigação dos efeitos da construção desse gasoduto sobre o patrimônio arqueológico em Mato Grosso. A FAPEC, por sua vez, estabeleceu como executante dos estudos o Laboratório de Pesquisas Arqueológicas do Departamento de História do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (LPA). Essa Fundação já havia participado dos trabalhos de salvamento arqueológico na área do Gasoduto Bolívia-Brasil, em Mato Grosso do Sul.

Assim, originou-se o “Projeto Salvamento Arqueológico na Área Impactada pelo Gasoduto Bolívia-Mato Grosso (trecho brasileiro)” – *PSAGBM* – sob a coordenação do arqueólogo Dr. Gilson Rodolfo Martins – o qual foi devidamente autorizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (*IPHAN*), por meio da Portaria nº11 de 04/03/99 (D.O.U. 05/03/99).

Os trabalhos de campo, em sintonia com o desenvolvimento das obras, foram realizados durante o ano de 1999, abrangendo levantamento, prospecção, resgate e monitoramento.

No *PSAGBM* foi efetuada uma análise das distintas paisagens percorridas pelo traçado do gasoduto, isto como forma de distinguir os cenários ambientais que teriam sido o suporte para o desenvolvimento cultural de grupos humanos pretéritos. Esse estudo forneceu critérios para o planejamento dos trabalhos de levantamento arqueológico. Foram estabelecidas as seguintes subunidades paisagísticas:

- segmento entre a fronteira com a Bolívia e o interflúvio anterior à margem direita do riacho São Sebastião;
- segmento entre as margens do riacho São Sebastião e as margens do Jauru, Distrito de Porto Limão;
- segmento entre o Distrito de Porto Limão e o início do pantanal do rio Padre Inácio;
- segmento entre o pantanal do rio Padre Inácio e os pantanais das duas margens do rio Paraguai;
- segmento entre a borda esquerda do pantanal do rio Paraguai e a base ocidental da serra de Piraputanga;

- segmento da Província Serrana em Cáceres;
- vale do rio Sangradouro;
- depressão cuiabana.

Após a sub-regionalização do traçado, aplicou-se uma metodologia de levantamento arqueológico apropriada para empreendimentos lineares como é o caso de gasodutos, oleodutos e rodovias. Utilizando-se de material cartográfico, foram selecionados os pontos preferenciais para a prospecção e sondagem arqueológica, isto com base num referencial de variáveis ambientais favoráveis à ocorrência de sítios arqueológicos (Kashimoto 1997, Martins & Kashimoto 1998). Os procedimentos adotados consistiram em entrevistas com moradores, vistorias de superfície na “faixa de serviço” e proximidades, abertura de furos de sondagem no interior da “faixa de serviço” e, principalmente, onde seria aberta a vala, realizaram-se alinhamentos de furos de sondagem, espaçados a cada 5 m, com 1,5 m de profundidade. Além das atividades anteriores, efetuou-se um treinamento dos técnicos e trabalhadores das frentes de obra, com o objetivo de instruí-los sobre a importância da preservação de recursos arqueológicos e como proceder no caso de verificarem a ocorrência de qualquer vestígio durante os trabalhos de implantação da obra.

Ao todo foram examinados 125 pontos, dos quais 26 eram sítios arqueológicos. Desses sítios, 20 foram encontrados no âmbito deste projeto, sendo que 11 estavam na área direta e indiretamente impactada pelo empreendimento. Sempre que os sítios localizados encontravam-se em pontos afetados pelo empreendimento, foi efetuado o desvio do traçado do gasoduto. Quando, por razões técnicas, não foi possível o desvio, procedeu-se ao resgate arqueológico, o que ocorreu em 5 sítios. Considerando-se que o traçado, no trecho brasileiro, possui uma extensão de 267 km, a metodologia adotada pelo *PSAGBM* abordou, em média, um ponto a cada 2,1 km. As margens de todos os cursos fluviais interceptados pelo gasoduto, mesmo os de menor porte, foram examinadas por meio de vistorias de superfície e sondagens na subsuperfície. O mesmo procedimento foi adotado em outros locais de relevância arqueológica e paisagística.

As subunidades ambientais em que se observou maior fertilidade arqueológica foram o

contexto do rio Jauru e a área entre o rio Paraguai e a Província Serrana de Cáceres, registrando-se, nesses locais, a ocorrência de sítios pré-coloniais e históricos, estes últimos localizados na área serrana e também nas proximidades de Cuiabá.

Este artigo aborda, especificamente, a região do médio curso do rio Jauru. Para identificar e tentar compreender quem foram os produtores dos vestígios arqueológicos localizados durante o desenvolvimento do *PSAGBM*, utilizou-se, preliminarmente, uma leitura regressista sobre o processo histórico de povoamento humano na área afetada pela construção do gasoduto. Dessa forma, na tentativa de verificar se existe alguma relação arqueológica entre os índios que, no momento, vivem no sudoeste mato-grossense e os sítios arqueológicos localizados pelos trabalhos do *PSAGBM*, partiu-se de uma caracterização e diagnóstico da atual realidade etnográfica da área influenciada pela obra. Com o mesmo objetivo, efetuou-se um levantamento das principais fontes bibliográficas produzidas por cronistas, no passado, e ainda uma revisão da bibliografia etno-histórica regional.

Sendo a cerâmica o vestígio numericamente predominante e mais conservado da cultura material das populações indígenas pré-coloniais dessa região de Mato Grosso, a mesma foi usada como o referencial principal para se tentar estabelecer um vínculo entre os dados arqueológicos coletados pelo *PSAGBM* e o processo etno-histórico do espaço percorrido pelo gasoduto. No entanto, outros itens da cultura material pretérita indígena devem ainda contribuir na identificação cultural dos produtores desses vestígios, entre eles líticos, sepultamentos e adornos.

A atual realidade etnográfica regional

Com vistas a detectar, no presente, a existência de índios na área a ser impactada direta ou indiretamente pela obra, a Gasocidente, empresa responsável pela obra do gasoduto, contratou os serviços especializados de consultoria técnica-científica da PRIME Engenharia. Os trabalhos de levantamento etnográfico, em campo, foram realizados em novembro de 1998, sem se limitar à área afetada diretamente pela

obra. As pesquisas foram executadas por um grupo de trabalho multidisciplinar sob a coordenação da Profa. Dra. Joana Aparecida Fernandes da Silva da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. Esses estudos geraram um relatório intitulado “Estudo Etno-Histórico e Pesquisa de Campo de Comunidades Chiquitanas na Área de Influência do Gasoduto Bolívia – Mato Grosso”, o qual passou a integrar o Projeto Básico Ambiental-PBA (Gasocidente/Prime, 1998) com o objetivo de obter-se a licença ambiental prévia para a implantação da obra.

Oficialmente, segundo o estudo acima citado, hoje, no sudoeste de Mato Grosso, existem as seguintes Terras Indígenas (TI): TI Umutina, localizada no município de Barra dos Bugres a 80 km ao norte do traçado do gasoduto; TI Perigara, comunidade de índios Bororo, localizada a 115 km ao sul do traçado; TI Tereza Cristina, comunidade de índios Bororo, localizada a 120 km ao sul do traçado; TI Figueiras, comunidade de índios Paresi, localizada a 160 km ao norte do traçado e TI Sararé, comunidade de índios Nhambiquara, localizada a 180 km a noroeste do traçado. Segundo o mesmo estudo nenhuma dessas comunidades indígenas sofrerá qualquer tipo de interferência direta ou indireta com a construção do gasoduto, devido à distância que essas TIs se encontram da área influenciada pelo empreendimento.

Por outro lado, o grupo de trabalho acima referido identificou a presença de 20 comunidades de índios Chiquito na área fronteira entre Mato Grosso e Bolívia, no segmento Caslavasco/Corixa Grande (MT), onde o gasoduto, proveniente de San Matias (Bolívia), penetra em território brasileiro. Dessas comunidades, 11 estão localizadas a menos de 60 km de distância do gasoduto, totalizando, aproximadamente, 650 pessoas (Gasocidente/Prime, 1998).

No Oriente Boliviano vive, atualmente, uma população superior a quarenta e quatro mil índios Chiquito, distribuídos por 323 comunidades localizadas no Departamento de Santa Cruz, integrando, em termos de etnologia territorial o Etnoconjunto Del Oriente (que abarca todas as Províncias de Santa Cruz, exceto a de Cor-dillera) (Cimar 1996).

Quanto à presença de outras etnias indígenas, nas proximidades da área afetada pelo gasoduto, o grupo de trabalho acima citado

localizou isoladamente algumas pessoas, que alegaram ser descendentes de índios Bororo ou Guató. As fontes bibliográficas consultadas referiram-se à existência, no início deste século e em momentos anteriores, de comunidades de índios Bororo no município de Cáceres e nas proximidades de San Matias, hoje extintas. As mesmas fontes citaram grupos pequenos de índios Guató vivendo, no início do século, no Pantanal do rio Paraguai, em Cáceres, porém igualmente desaparecidos há décadas. Portanto, em termos etnográficos pode-se considerar que atualmente, na área influenciada pelo gasoduto, só há comunidades chiquitanas.

Resumo etno-histórico da presença dos índios Chiquito em Mato Grosso

A história dos índios Chiquito pode ser dividida em quatro partes: a primeira, antes da chegada dos espanhóis; a segunda, quando do início da colonização até fins do século XVII; a terceira, o período jesuíta de 1692 a 1767; a quarta, o período posterior à saída dos jesuítas até os dias de hoje.

O termo *chiquitos* (pequenos) é a denominação que os colonizadores castelhanos do Paraguai Colonial aplicaram às diversas tribos, distintas entre si, que habitavam o oriente da Bolívia, sobretudo, entre os paralelos 14° e 21° sul e 58° e 65° oeste, numa zona de transição entre o Chaco Boreal e as florestas do contexto sul-amazônico. No Brasil, o gasoduto está localizado entre os paralelos 15° e 16° sul.

Ao percorrer a região do Alto Paraguai, em 1832, D'Orbigny (1945) descreveu sinteticamente o espaço geográfico da chamada Província Chiquitana da seguinte maneira:

"(...)Esta comarca, (...) está limitada al este por el curso del Paraguay y por las posesiones brasileñas de la provincia de Cuyaba o de Matto Grosso; al norte (siguiendo los límites de los tratados de 1750 y 1777 entre España e Portugal) por una línea que parte de la conjunción de los ríos Jauru y Paraguay, en dirección a Matto-Grosso, y más allá por una segunda línea que arranca desde esse punto hasta la confluencia de los ríos Verde y Barbado. Al noroeste, selvas inmensas o esteros deshabi-

tados separan esta provincia de la de Moxos, algo al norte del país de los guarayos. Al oeste, el curso del río Grande sirve de límite com la provincia de Santa Cruz de la Sierra. Finalmente, al sur se extienden las tierras deshabitadas del Gran Chaco, que todavía no pertenecen a ningún gobierno." (p. 1241)

"Circumscripita de esta manera, la provincia de Chiquitos está rodeada de ríos y de pantanos, en medio de los cuales corren cadenas de colinas completamente aisladas en la dirección noroeste y subsudeste. Esas colinas, que forman mi sistema geológico chiquitano y que dominan desde algunos centenares de metros las llanuras circundantes, son también los puntos culminantes, las cumbres que señalan la división entre las dos grandes vertientes del Amazonas y del Plata".

"Las partes montañosas de la provincia y los terrenos colindantes están libres de inundaciones; son las tierras más fértiles del mundo. El resto es parcialmente anegadizo en la estación de las lluvias; pero com excepción de la laguna de Yarayes, formada por los desbordes del río Paraguay, todas las tierras se secan en invierno y dan praderas excelentes para la cría de ganado. Así, pues, la provincia entera, de unas 18.770 leguas cuadradas, podría ser utilizada com provecho para la agricultura(...)." (p. 1245)

Nos contornos geográficos fixados por D'Orbigny, a região compreendida entre o rio Jauru e a fronteira Brasil/Bolívia, seccionada pelo gasoduto, integrava a paisagem típica da área chiquitana. Pelo relato acima pode-se perceber também que havia por parte das comunidades integrantes do complexo chiquitano a deliberada intenção de evitar os pantanais impróprios para o desenvolvimento das atividades agrícolas. Nota-se também que esse contexto ambiental configura-se como um divisor de águas entre as bacias hidrográficas amazônica e platina, fato ambiental que deve ter tido um grande significado nos movimentos migratórios pré-coloniais, conferindo, portanto, à região, o caráter multicultural registrado por ocasião da chegada dos colonizadores ibéricos, no século XVI.

A origem do etnônimo *Chiquito* provém do fato de que a altura da entrada das casas habitadas por esses índios era muito baixa, isto como forma de evitar a entrada de mosquitos e também evitar a surpresa de ataques noturnos de índios inimigos, daí os primeiros observadores castelhanos deduzirem que os seus ocupantes deveriam ser de baixa estatura.

Esses índios formavam um mosaico etnográfico constituído por mais de 40 povos indígenas diferentes entre si, cujos grupos mais conhecidos eram os Zamuco, Paikoneka, Saraveka e Paunaka, filiados ao tronco lingüístico Aruak, e os Kuruminaka, Kurave, Koraveka, Tapii, Korokaneka, Manacica, falantes de línguas aparentadas com o Bororo (MMA 1997). Segundo Maldí (1989), estas últimas línguas seriam integrantes de um subgrupo lingüístico denominado Otukeano. Na opinião de Métraux (1942), os Otuke, Kovareka e Kuruminaka formavam um grupo lingüístico isolado, talvez relacionado ao Bororo. Os Otuke foram considerados por Susnik o ramo mais ocidental dos Bororo. Havia ainda os falantes do dialeto Tao, que englobava outros 14 grupos e ainda o dialeto Piñoco, falado por outros 8 grupos indígenas. Segundo Cimar (1996), atualmente todos os remanescentes desses grupos estão incluídos na família lingüística denominada Chiquito, embora, ao norte de Concepción de Ñuflo de Chávez, ainda restem 2 comunidades de índios Paunaka que continuam falando línguas filiadas ao tronco Aruak.

As tribos acima citadas, apesar de possuírem línguas e costumes culturais específicos, tinham em comum o fato de serem formadas por povos agricultores voltados para o cultivo do milho, da mandioca, do amendoim, da abóbora, do algodão, entre outros, e que também caçavam e pescavam. Segundo as crônicas históricas seiscentistas esses índios, embora não conhecessem a metalurgia, utilizavam diversos objetos de metais, os quais adquiriam em trocas com tribos “neolíticas” subandinas. Como outras tribos chaquenhas, os Chiquito eram arquinimigos dos índios Guarani do Paraguai Colonial.

Segundo Susnik (1978):

“Bajo el término “Chiquitana” se extiende el área que se extiende desde la provincia de Xarayes hasta la provincia de Sta. Cruz de la Sierra, recorrida por los

Españoles en el siglo XVI y antes, o simultáneamente por los emigrantes guaraníes. Fueron precisamente los Guaraníes quienes con su paso de tránsito, sus desplazamientos irregulares en la tierra del gentio desconocido y con definitivos asentamientos conquistados, provocaron el movimiento de muchas tribus, éstas también buscando novos lugares libres y no poseídos o disputados. La movilidad étnica de los pueblos culturalmente neolíticos, sobrepniendo y fusionándose a veces, en el área entre los ríos Guaporé, S. Miguel y Paraguay, impide con frecuencia la identificación etnolingüística: todas las tribus manifestaban una abierta política integracionista por una parte, y por otra, imponiendo su lengua mutuamente entre los inmediatos vecinos periféricos. Las expediciones de los asunceños primero y de los santacruceños luego influyeron aún más en la compleja dispersión geográfica de las tribus; se creaban despoblados y zonas improductivas, por onde ni los Guaraníes pasaban, sabiendo la falta de víveres; dichas zonas servían muchas veces de refugio a las huidizas protopoblaciones de cultura paleolítica, éstas de por sí con un transhabitat marginado a causa de la dispersión de los amazónicos rumbo r. Madeira y sus grandes afluentes; no es por extraño que la documentación del siglo XVI habla con preferencia de los pueblos de cultura neolítica.” (p. 33)

O texto acima retrata a dificuldade em se construir modelos explicativos para essa realidade, sejam estes de caráter lingüístico, arqueológico, etno-histórico ou etnológico. Portanto, no atual estágio do conhecimento, as conclusões ficam ainda restritas ao campo das hipóteses.

Os Chiquito não eram canoeiros, seus deslocamentos se davam no interior dos limites geográficos da Província, evitando as áreas pantanosas do rio Paraguai, a aridez do solo do Chaco Boreal, bem como a área subandina influenciada pelo Império Inca.

Os primeiros relatos etnográficos sobre esses índios foram produzidos no século XVI, durante o processo de descobrimento e reconhecimento geográfico da bacia do Alto Paraguai, destacando-se entre eles os elaborados por

Cabeça de Vaca e Schmiedl. O contato pioneiro de europeus com alguma tribo chiquitana foi o efetuado por Aleixo Garcia, no início da segunda década do século XVI, com os índios Tarapecoci.

Alguns relatos de cronistas descrevem a existência de grandes aldeias, às vezes subdivididas em bairros. Conforme Maldi (1989), os índios Chiquito habitavam aldeias cercadas por paliçadas, destacando-se, no conjunto, a casa dos solteiros. Suas aldeias possuíam chefias independentes e “templos” ou “casas de bebidas” onde consumiam coletivamente a chicha. Isto pode ajudar a compreender a ocorrência arqueológica de grandes vasilhas de cerâmica que, segundo os cronistas, seria uma cerâmica de alta qualidade. Os homens usavam *tembetás* enfeitados com penas sob o lábio inferior; os cabelos eram mantidos longos e atados à nuca. Tinham como armas flechas envenenadas e bordunas. Para os espanhóis que percorreram a região no século XVI, os “chefes” das aldeias chiquitanas pareciam ser uma espécie de “reis”, os quais concentravam, conforme o tamanho da aldeias, grande poder.

No olhar de D’Orbigny (1945):

“Estaban gobernados por una muchedumbre de jefecillos o Iriabos, elegidos por el consejo de ancianos, y conduciendo cada uno su pequeña tribu, al mismo tiempo que ejercían las funciones de médicos. A menudo atacaban a sua vecinos com el único objeto de labrarse una reputación de bravura. Se frecuentaban poco y rara vez hacían causa comun; diseminados en centenares de secciones, no formaban, hablando com exactitud, un cuerpo nacional.

Reducíase su religión a la creencia en outra vida, lo que motivaba la costumbre, generalmente extendida entre ellos, de enterrar armas y víveres com los muertos.(...)”. (p. 1247)

Na sua expressiva obra sobre a História do Brasil, escrita no início do século XIX, Southey (1981) produziu um relato etnográfico onde aborda aspectos da cultura material dos índios Manacica, constituindo-se num trabalho de relevante interesse etno-arqueológico:

“Do mesmo tronco, como as que compunham as missões dos Chiquitos, eram

as várias hordas comprendidas sob o nome genérico de Manacicas. Coberta de espessas florestas se achava parte de seu país, e em vastas planícies a maior parte do ano consistia a outra, pelo que não podia haver falta de caça e de peixe, nem dos frutos que a terra produz. Fértil é o solo e abundantes de ordinário as colheitas.(...) Conta-se que eram as suas aldeias edificadas com algum gosto, regulares as ruas e bem proporcionadas as praças. Habitavam o cacique e os maiores edifícios grandes, divididos em diferentes aposentos, que também serviam para reuniões públicas, banquetes e templos. Tão pouco eram mal construídas as casas dos particulares, apesar de ali ser o machado de pedra o único instrumento conhecido. Hábeis tecelãs eram as mulheres, cuja obra de olaria, de singular perfeição, tinha como metal ao tocar-se. Deixava-se ficar o barro, antes de servir, muito tempo a amadurecer, sendo este o princípio que os chins se diz que têm enterrado muitos anos o que destinam ao fabrico de sua louça mais fina.” (p. 105/6).

Em 1547, Ñuflo de Chávez, seguido por 223 espanhóis e mais de 3.500 índios Guarani, iniciou a colonização da região do “Mar de Xaraiés”, formada por grandes lagoas no Pantanal do Alto Paraguai. Esta área era habitada por tribos denominadas Xaraié, porém essa expedição desviou-se desses índios e seguiu em direção ao Peru, entrando em território Chiquito.

No ano de 1550, a cidade de Santa Cruz de la Sierra foi fundada pelo conquistador acima citado em local próximo à atual San José de los Chiquitos. Alguns anos depois, em 1591, ocorreu o traslado dessa cidade para o assentamento atual. Entre esta última data e a fundação da primeira redução jesuítica, 1692, quase não houve contato entre os índios e as frentes colonizadoras ibéricas na área chiquitana.

Ao iniciar-se o século XVII, o modelo colonizador castelhano já estava consolidado em toda a bacia Platina, materializando-se por meio da fundação de cidades como Buenos Aires, Assunção, Santa Cruz de la Sierra, Santiago de Xerez, entre outras. Ao contrário da região andina, onde a economia colonial firmou-se com o incremento das atividades de mineração de metais preciosos, na bacia Platina o comércio e

sobretudo a produção agrícola de gêneros tropicais (algodão, farinhas, entre outras) foi a atividade econômica predominante. Devido à escassez de capitais e o relativo isolamento dessa área da economia colonial castelhana, na América do Sul a mão-de-obra empregada na produção agrícola e têxtil colonial foi essencialmente indígena. Apesar de compulsório, o trabalho indígena não era tipicamente escravo como na colônia luso-brasileira, porém, da mesma forma, indispensável para a viabilização do sistema colonial mercantilista. No Paraguai Colonial, o regime de trabalho adotado era o das *encomiendas*, o que é o mesmo que dizer compulsório.

A necessidade de mão-de-obra em larga escala, como condição para a viabilização do modelo colonizador castelhano, implicou domesticação e submissão dos indígenas às diretrizes dos colonos ibéricos. A ordem econômica estabelecida, associada às questões geopolíticas (disputas territoriais entre metrópoles) fez com que a coroa espanhola fomentasse a vinda, para o Paraguai Colonial, de missionários católicos com o escopo de inserir os índios na nova ordem em implantação. A catequese seria um instrumento sutil de dominação, substituindo a violência física pelo emprego da violência cultural, resguardando dessa forma os estoques de força de trabalho.

Assim, em fins do século XVI, estabeleceram-se no Paraguai Colonial as primeiras frentes catequistas, sobretudo as Missões Jesuíticas. Inicialmente foram instaladas em Assunção, em seguida, no início do século XVII, na área do atual oeste paranaense (Missões do Guairá), a seguir na região do pantanal sul-mato-grossense, em 1632 (Missões do Itatim) e no oriente boliviano (Moxos) em 1682. Após vários ensaios, foi fundada entre os índios Moremono a redução de Nossa Senhora do Loreto, na margem esquerda do rio Ivari, afluente do Mamoré. Em 1692, o missionário jesuíta José Arce fundou a primeira redução na região chiquitana, junto ao subgrupo Piñoco, ou seja, a Missão de São Francisco Xavier, próxima ao rio San Pedro. Em 1696, o padre jesuíta Juan Batista de Zea fundou a Missão de São Rafael. Em 1706, foi fundada a Missão de San José, que viria a ser a capital de Chiquitos. Entre 1692 e 1760, ao todo, foram fundadas dez missões na Província de Chiquitos.

Na segunda metade do século XVIII, as missões, na região dos índios Chiquito, reuniam em torno de vinte mil índios catequizados.

Segundo Maeder (1997):

“Los pueblos se habían trazado según el modelo tradicional y com poca diferencia respecto de las misiones de guaraníes. En lo que hace a su economía, el régimen adoptado fue de subsistencia y de solidaridad interna. La producción agrícola de granos y frutos, la ganadería de lanas, la recolección de cera y miel y la elaboración de lienzos y hamacas, constituían la base de su producción. Algunos excedentes les servían para la adquisición de herramientas, ornamentos para el culto, u otros bienes que se procuraban a través del oficio jesuítico del Colegio de Potosí.” (p. 275)

Essas expressivas concentrações de índios “docilizados” e aptos ao trabalho na economia agrícola colonial despertaram não só a cobiça dos colonos paraguaios/crucenhos como também dos bandeirantes paulistas, os quais assediaram diversas vezes as reduções.

Em 1694, uma bandeira comandada por Antonio Ferraz de Araújo e Manuel de Frias atacou a região, enfrentando primeiramente os Tao, entre os quais fizeram vários prisioneiros, para em seguida marcharem sobre os Piñoco. A reação inesperada por parte dos índios fez com que os dois comandantes paulistas caíssem em combate, não restando da bandeira mais que alguns sobreviventes. Após essa fracassada ação bandeirante, puderam os índios chiquitanos gozar de relativa tranquilidade em relação aos ataques paulistas, pois estes, a partir da descoberta do ouro em Minas Gerais, progressivamente alteraram sua perspectiva colonial privilegiando a mineração.

Como havia uma diversidade cultural significativa entre os índios chiquitanos, sobretudo lingüística, os jesuítas, a exemplo do que fizeram no Brasil, criaram uma língua geral para facilitar e universalizar a catequese. Este fato tem implicações até os dias de hoje, inclusive no panorama etnográfico do sudoeste mato-grossense. Nos trabalhos de campo na área de influência do gasoduto, a equipe de antropólogos a serviço da Gasocidente/Prime (1998), observou que as comunidades chiquitanas utilizam o

linguará – fala remanescente da língua geral constituída pelos jesuítas no tempo das missões.

A capital da área missioneira chiquitana era a Missão de São José, localizada na altura do paralelo 14° 4', próxima à antiga cidade de Santa Cruz de la Sierra.

Outras reduções, devido ao isolamento e à distância de Santa Cruz de la Sierra, mantinham relações comerciais estreitas com os colonos portugueses estabelecidos no sudoeste de Mato Grosso, apesar da ilegalidade desses vínculos na ordem jurídica colonial. O inverso também era verdadeiro.

Com a expulsão dos jesuítas dos domínios coloniais espanhóis e portugueses, no início da segunda metade do século XVIII, a tutela sobre as missões passou para as instituições seculares do governo colonial. Em decorrência disso, a pressão econômica sobre as reduções, enquanto reservas de mão-de-obra, acentuou-se. Os rigores do regime de trabalho fizeram com que muitos índios chiquitanos abandonassem as missões, buscando refúgio nas matas ou mesmo em Mato Grosso colonial, onde eram acolhidos de forma oportunista pelas autoridades portuguesas. A elevação de Mato Grosso à condição de Capitania, em 1748, e o apogeu do ciclo minerador, reforçaram essa atração demográfica.

A fundação de Vila Bela da Santíssima Trindade, em 1749, como capital de Mato Grosso, na cabeceira do rio Guaporé, criou tensão na fronteira. O contrabando colonial se intensificou, pois as Missões de Chiquitos estavam mais perto da zona de garimpo do que de São Paulo. A Missão de Santana, próximo à atual San Matias, era habitada pelos índios Saraveka (Aruak) e constituía-se na mais próxima de Mato Grosso. Segundo Maldini (MMA, 1997), teriam sido os índios Saraveka os que migraram para Cáceres. As outras reduções próximas a Mato Grosso eram San Rafael, San Miguel e San Ignacio. O fluxo de mercadorias contrabandeadas era tão regular que havia provocado a abertura de um caminho terrestre, passando pelo rio Jauru, interligando as duas realidades coloniais. Avolumava-se, assim, o ritmo migratório de índios para o território brasileiro, engrossando dessa forma os contingentes de mão-de-obra que deveriam abastecer com gêneros de primeira necessidade as áreas de garimpo.

As pendências fronteiriças entre as duas colônias ibéricas, no Alto Paraguai, agravadas pela ocupação desordenada e expansionista da mineração em Mato Grosso, acirrou as relações entre os sistemas coloniais luso-castelhanos. Com evidentes razões geopolíticas, o Governador da Capitania de Mato Grosso, D. Luiz Albuquerque de Melo e Cáceres fundou, em 1778, a localidade urbana de Vila Maria do Paraguai na margem esquerda do rio Paraguai, posteriormente, elevada à condição de cidade com o nome de São Luiz de Cáceres.

Para constituir e engrossar esse pioneiro núcleo populacional, D. Luiz Albuquerque recrutou algumas dezenas de índios fugitivos das Missões de Chiquitos e as fixou no novo povoado, sobretudo porque os índios naturais da região eram arredios e “selvagens” se comparados aos índios Chiquito já “aculturados” pela ação missionária. Ainda obedecendo a essa perspectiva, D. Luiz Albuquerque, mandou adquirir uma extensão de terra na margem direita do rio Paraguai, defronte à Vila Maria, onde constituiu uma fazenda para a criação de gado, denominada Fazenda Caiçara, cuja mão-de-obra era formada basicamente por índios Chiquito refugiados da região das missões.

O fato histórico acima narrado tem particular interesse para o *PSAGBM*, pois durante os trabalhos de levantamento arqueológico que precederam as obras de implantação do gasoduto, a equipe técnico-científica do *PSAGBM* realizou prospecções no entorno da Baía Caiçara, em Cáceres, e aí encontrou diversos fragmentos de cerâmica arqueológica, sendo que um desses fragmentos apresenta decoração plástica feita pela impressão de cordinha de caraguatá, o que não é comum na região, mas é típico da cerâmica arqueológica e etnográfica chaquenha. Segundo Susnik (1978):

“El estilo decorativo por impresión de cuerda de caraguatá es un elemento cerámico neolítico intruso en el área altoparaguayense, siendo sus portadores los Chané-Arawak subandinos, inmigrantes avasallados por los Mbayá-Guaycurúes; (...) Es probable que tal cerámica caracterizara también a las poblaciones cultivadoras de origen Arawak en los límites de las rutas transchaqueñas, seguidas por los expedicionarios asun-

ceños hacia los Tamacocis de las llanuras del R. Guapay” (p. 16)

O local acima foi registrado pelo PSAGBM como sítio arqueológico Baía Caiçara 1, sendo que os vestígios cerâmicos aí coletados podem estar correlacionados com esse contexto histórico, pois sabe-se que os índios Saraveka, provenientes da Missão de Santana, eram descendentes de índios Aruak. Pode-se apontar como reforço a essa hipótese o fato de que ainda hoje, conforme o que foi constatado pelos antropólogos que participaram do PBA (Gasocidente/Prime 1998), no local vive uma comunidade de índios que se identifica como chiquitana.

Nas primeiras décadas do século XIX, o quadro sócio-político da região da bacia do Alto Paraguai passou por um período de grande instabilidade devido às convulsões sociais provocadas pelas guerras de independência na América espanhola. A região das Missões de Chiquitos, a exemplo de outras realidades da Bacia Platina foi palco de diversos eventos bélicos entre as forças pró e contra a independência. Os índios ficaram no meio do fogo cruzado e sofreram pesadas baixas demográficas, agravadas no pós-guerra pelo agudo empobrecimento da região e pelos surtos epidêmicos provenientes das péssimas condições sócio-econômicas. A população indígena teve sua infra-estrutura produtiva (economia missioneira) desmantelada com o estabelecimento da nova ordem política-nacional (surgimento do Estado boliviano). Em decorrência dessas conturbações, novas ondas migratórias de índios Chiquito dirigiram-se para o Mato Grosso durante o século XIX. Em 1831, os índios da Missão Santana estavam reduzidos a cerca de oitocentas pessoas. Nessa mesma época, em Casalvasco, Mato Grosso, havia aproximadamente trezentas famílias indígenas chiquitanas.

Quando D’Orbigny visitou a região, em 1831, o quadro demográfico na área chiquitana reunia cerca de vinte mil índios, distribuídos entre as tribos, Koraveka, Kurave, Tapii, Kurukaneka, Paikoneka, Saraveka, Otuke, Kuruminaka, Samucu e Chiquito.

No ano de 1875, João Severiano da Fonseca (1986), ao percorrer a região do Alto Paraguai, assim descreveu a realidade etnográfica que encontrou em San Matias, na divisa da Bolívia com Mato Grosso, local de entrada do gasoduto em território brasileiro:

“O povo de S. Matias fica a sete quilômetros e meio da Corixa do Destacamento. É uma pequena povoação de mais ou menos duzentas almas, índios quase todos chiquitanos, e alguns bororós. Compõe-se, como todas as missões jesuíticas, de uma praça retangular, tendo numa das faces a igreja e nas outras as habitações.”(pag. 384/5)

“São estas bandas povoadas pelos restos das nações dos chiquitos e bororós, aldeiados outrora pelos jesuítas espanhóis. S. Matias é toda de chiquitanos. Os homens, conquanto andem inteiramente à vontade entre os seus, quando saem para os povoados vestem camisa, calça e chapéu, senão também a sua jaqueta, trazendo sempre na cintura uma banda ou faixa vermelha muito apreciada em todos os países castelhanos, e aqui por tal forma, que dir-se-á usarem de calças só para terem o prazer de lhe passarem a cinta. Uma faca de ponta ou um facão é complemento obrigatório do traje de viagem.

Falam estas gentes mais ou menos quatro idiomas: o chiquitano, o bororó, o espanhol e o português. Ora, de um povo, que dispõe assim de tão vastos conhecimentos lingüísticos, longe deve ir a idéia de dizê-lo curto de civilização.” (p. 384/5)

Em 1880, com o auge da produção da borracha natural no oriente boliviano, milhares de índios Chiquito morreram ou dispersaram-se devido às péssimas condições de trabalho nos seringais das Províncias de Ñuflo de Chávez e Velasco.

Max Schmidt (1942), em junho de 1901, ao descer o rio Cuiabá em direção à serra do Amolar, na atual divisa entre os Estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, observou em uma propriedade rural, nas proximidades da confluência com o rio São Lourenço, a presença de vinte índios Chiquito trabalhando para um indivíduo denominado João Paiz. Não forneceu maiores detalhes.

No início deste século, entre 1907 e 1911, Rondon comandou a instalação da linha telegráfica entre Cáceres e Vila Bela, em Mato Grosso, ocasião em que fez várias referências à região de Cáceres como sendo habitada por diversas famílias de índios Chiquito. Ele esteve também

na Fazenda Facão, em Cáceres, onde há um sítio arqueológico, mas não se referiu a ela sob o ângulo etnográfico e arqueológico.

Quando da ocasião da construção da estrada de ferro entre Corumbá e Santa Cruz de la Sierra, no começo do século XX, reproduzindo o antigo caminho das Missões de Chiquitos para Santa Cruz/Peru, muitos índios foram submetidos a rigorosas condições de trabalho, fato que provocou muitos danos aos índios, sobretudo a desterritorialização.

Nas primeiras décadas do século XX, novo episódio bélico fomenta o fluxo migratório desses índios para Mato Grosso, ou seja, a Guerra do Chaco, que na década de trinta envolveu o Paraguai e a Bolívia em disputa territorial pela região do Chaco Boreal. O desfecho do conflito foi desfavorável à Bolívia, que perdeu extensas porções de seu território para o país vizinho, além de sofrer pesadas baixas humanas. Mais uma vez a população indígena das terras baixas bolivianas viu-se entre o fogo dos exércitos nacionais beligerantes e sofreu sérias conseqüências demográficas e culturais, o que motivou novo êxodo de dezenas de famílias para a região abrangida pelas bacias do rio Jauru e do Alto Paraguai, no município de Cáceres.

Em termos sócio-culturais, o grupo de trabalho da Gasocidente/Prime (1998) caracterizou a situação das comunidades indígenas chiquitanas existentes na área influenciada pelo gasoduto, da seguinte maneira: as comunidades indígenas apresentam contextos atuais diferenciados, isto conforme a trajetória histórica percorrida por cada uma delas; nenhuma tem a sua situação fundiária legalizada enquanto Terra Indígena pela FUNAI; algumas famílias, isoladamente, possuem títulos particulares de propriedade da terra onde habitam; há uma tendência populacional em estabilizar-se o índice demográfico dessas comunidades em um quantum médio de oito famílias; a sobrevivência econômica está baseada em um modelo camponês de subsistência, associado à prestação de serviço temporário em fazendas vizinhas, ou mesmo, com trabalho assalariado nas cidades próximas, sobretudo em Cáceres; no que diz respeito à auto-identificação étnica foi registrada uma tendência em renegar suas origens, talvez como uma forma de evitar a discriminação

sócio-cultural a que são submetidos, historicamente, pela sociedade envolvente.

Dentre as comunidades chiquitanas identificadas pelo grupo de trabalho Gasocidente/Prime (1998), as que mais se aproximam da área influenciada pelo gasoduto são as do “Limão” (30 famílias), localizada na margem esquerda do rio Jauru e “Beira de Estrada” (9 famílias), localizada na margem direita da rodovia Cáceres-San Matias, antes do rio Padre Ignácio. Ambas comunidades estão situadas a uma distância da faixa de serviço do gasoduto menor que um quilômetro.

Como já foi explicitado anteriormente, em termos de cultura material tradicional, o presente desses índios contrasta sensivelmente com o passado. Os objetos e artefatos utilizados no cotidiano atual são obtidos no mercado da sociedade envolvente, não havendo, portanto, uma personalização étnica dos mesmos. Isso é compreensível se considerado o processo histórico de desterritorialização a que essas comunidades foram submetidas nos últimos duzentos anos. Em localidades mais distantes do traçado do gasoduto o mesmo grupo de trabalho (Gasocidente/Prime (1998)) constatou a permanência residual de alguns elementos da cultura material indígena tradicional, sobretudo cestaria (abanicos e peneiras), alguma peças de cerâmica, redes de dormir e padrão das habitações. Mesmo assim, os elementos da cultura material indígena observados e descritos por esses antropólogos não auxiliam na analogia com os vestígios arqueológicos registrados durante os trabalhos do PSAGBM.

Nas comunidades indígenas de Alambrado e de Corixa Grande, foram encontrados fragmentos de cerâmica lisa, sendo que alguns cacos eram “pintados” de vermelho na face externa e preto na face interna (Gasocidente/Prime 1998). Por essa descrição, mesmo que sucinta, observa-se que essa cerâmica se assemelha àquela coletada pelo PSAGBM, nos sítios Rio Jauru, Riacho São Sebastião 1, 2, 3 e 4. As datações obtidas através do método da termoluminescência em amostras de cerâmica coletadas nestes sítios são anteriores ao início da colonização do Brasil, portanto, não concordantes com a trajetória etno-histórica recente desses índios no Estado de Mato Grosso. Ainda na Corixa Grande, conforme o trabalho acima citado,

soldados do destacamento do Exército ali sediado teriam encontrado, ao abrir uma roça, diversas vasilhas de cerâmica, sendo algumas com engobo vermelho na face externa.

Os fragmentos de cerâmica, provavelmente arqueológica, observados na superfície das comunidades de Corixa Grande e Alabrado, não afetadas pela obra, não podem ser associados, por suas características tecnológicas, aos atuais ocupantes desses locais. Esses vestígios muito provavelmente correspondem a ocupações pré-coloniais, anteriores ao advento dos atuais índios Chiquito ao território mato-grossense.

A permeabilização dos índios Chiquito na sociedade mato-grossense atual camufla (talvez como uma forma de resistência clandestina) a sua identidade étnica, de tal forma que, pela sua baixa visibilidade antropológica externa, a própria FUNAI não reconhece, por enquanto, formalmente a existência de Terras Indígenas desses índios no território do Estado de Mato Grosso.

Quanto à interferência da obra no cotidiano desses índios e no seu modo de ser, devido às circunstâncias de sua localização, no momento, somente as duas comunidades acima citadas (Limão e Beira da Estrada) sofrerão algum tipo de impacto. Este, no entanto, será circunstanciado e somente durante o período da construção do empreendimento. Nesse sentido, o grupo de trabalho da Gasocidente/Prime (1998), juntamente com a FUNAI/MT, já definiram uma pauta de medidas mitigadoras a serem adotadas e que já estão sendo aplicadas com o devido acompanhamento dos órgãos públicos responsáveis pela questão indígena.

Arqueologia na região do médio curso do rio Jauru

Na região do Alto Paraguai, os primeiros trabalhos de coleta sistemática de material arqueológico foram realizados, entre 1926 e 1928, por Max Schmidt (1940). Nessa oportunidade, esse pesquisador realizou um trabalho programado de levantamento arqueológico entre Cuiabá e a região das lagoas Gaíba, Uberaba e Mandioré, também conhecida como Mar de Xaraiés. Schmidt fez escavações na Fazenda Facão, em Cáceres, onde coletou fragmentos de

cerâmica (algumas peças com espessura de parede de até 1,7 cm, associadas a urnas funerárias). Alguns desses fragmentos possuíam resíduos de pintura vermelha, o que posteriormente foi atribuído à Tradição Descalvado.

Descendo o rio Paraguai, no local denominado Passagem Velha, a montante da barra do rio Padre Ignácio, M. Schmidt coletou fragmentos de cerâmica, de diversos tamanhos (alguns com pintura vermelha, associando-os, em parte, a urnas funerárias). Em seguida, a montante da Fazenda Descalvado, no local denominado Barranco Vermelho, fez as suas mais importantes descobertas, entre elas, a de uma grande urna intacta, cujo formato é semelhante às expostas no museu de Cáceres (piriforme); no interior dessa urna havia fragmentos de cerâmica, inclusive um pequeno prato. Coletou também peças com pintura geométrica e alguns cachimbos de cerâmica. Em seguida, esse pesquisador fez prospecções na Fazenda Descalvado. Tanto Descalvado como Barranco Vermelho são sítios que estão situados abaixo da barra do Jauru, no rio Paraguai. Schmidt também fez escavações em um aterro (Aterradinho), nas proximidades do paralelo 17, cujo resultado refere-se a outra problemática arqueológica, não relacionada diretamente à proposta deste artigo.

Posteriormente, em 1931, o pesquisador norte-americano V. M. Petruzzo (1932) realizou escavações sistemáticas na Fazenda Descalvado, na ocasião propriedade de uma empresa norte-americana, ampliando assim o conhecimento que se tinha sobre as características dessa cerâmica arqueológica. Com base na ocorrência de vasilhames piriformes e outras características desses vestígios arqueológicos, essa cerâmica foi vinculada por alguns autores à Tradição Aratu. Estudos mais aprofundados sobre essa realidade corrigiram esse enfoque o que originou a denominação Tradição Descalvado para os sítios arqueológicos com conteúdo análogo.

Entre 1994 e 1997, Wüst & Migliácio realizaram novos estudos na região do Alto Paraguai, sobretudo na área urbana de Cáceres e na Fazenda Descalvado. Desde então passou-se a ter o conhecimento de doze sítios filiados à Tradição Descalvado, todos localizados ao sul de Cáceres. Segundo essas pesquisadoras, a área estudada havia sido habitada, pelo menos até o início do século XX, por índios Bororo e Guató,

porém, para elas, as evidências arqueológicas enquadradas na Tradição Descalvado não estão relacionadas ao passado desses índios, sendo mais provável, conforme as mesmas, que as vinculações culturais dos produtores da cerâmica Descalvado sejam atribuídas originariamente a contextos culturais do oriente boliviano, ou mesmo da área amazônica.

Quanto às principais características da cerâmica Descalvado as autoras acima descrevem o seguinte:

“O material arqueológico destes sítios compreende grandes recipientes piriformes com um gargalo biconvexo, urnas piriformes apenas com gargalo inflético, tigelas fundas e rasas, além de potes médios e pequenos. Enquanto a maioria dos recipientes cerâmicos é lisa, observa-se a presença de engobo vermelho interno e/ou externo, raramente apêndices ou uma decoração ponteadas. São poucos os recipientes conhecidos (tigelas rasas) com boca circular ou elipsóide que apresentam na sua superfície interna uma pintura vermelha com motivos geométricos, sendo listas, triângulos e pequenas cruces os motivos mais frequentes.”

Ocorrem ainda rodela de fuso, bem como cachimbos tubulares com apliques de figuras zoomorfas e decoração incisa. Prevalece nos sítios do curso superior do Rio Paraguai o tempero de caco moído, enquanto em direção à região mais alagada aumenta o tempero de concha triturada. A espessura da parede dos recipientes cerâmicos varia de 1 a 3 cm, sendo o acabamento externo frequentemente polido.” (1994: 49/50)

O rio Jauru é um afluente da margem direita do rio Paraguai, sendo que a área aqui enfocada contextualiza-se a noroeste dos sítios abordados pelos trabalhos acima citados.

Antes da construção do gasoduto, as referências sobre ocorrências arqueológicas na região entre o Distrito de Porto Limão (rio Jauru), em Cáceres e San Matias (fronteira do Brasil com a Bolívia) limitavam-se a relatos orais, por parte de moradores da área, sobre achados isolados de concentrações superficiais de fragmentos ou, mais raramente, sobre grandes potes de cerâmica enterrados no interior de áreas agrícolas. Essas observações foram feitas sem

nenhum tipo de contextualização científica sobre as condições em que foram encontrados ou coletados esses vestígios. Com o início dos estudos ambientais/culturais avaliadores dos impactos da construção do gasoduto, fizeram-se os primeiros registros técnico-científicos de material arqueológico na região (Gasocidente/Prime 1998, Natrontec/Entrix 1998), quando foram localizados fragmentos de cerâmica arqueológica na área de Corixa Grande e na margem direita do rio Jauru, em ponto próximo ao local em que este foi seccionado pela obra (Sítio Rio Jauru).

O médio curso do rio Jauru, pesquisado no âmbito do PSAGBM, caracteriza-se por possuir margens pantanosas, intercaladas por diques fluviais e terraços estruturais, como é o caso do local onde está implantado o sítio Rio Jauru. A partir da margem direita, no segmento onde incide o traçado do gasoduto, tem início um extenso interflúvio plano, com algumas dezenas de quilômetros, que se conclui no vale do Corixa Grande divisa com a Bolívia. A cobertura vegetal é predominantemente formada por uma Floresta Estacional Semidecidual Antropizada (Gasocidente/Prime 1998). Por todo esse espaço as drenagens secundárias são raras, destacando-se nessa paisagem, quase singularmente, a microbacia do riacho São Sebastião, afluente direito do rio Jauru. Apesar de apresentarem escassas redes de drenagens permanentes, paradoxalmente, partes consideráveis desses terrenos permanecem alagados por águas pluviais vários meses no ano. Isto se deve à baixa profundidade do lençol freático e à planura da superfície. Em alguns trechos, topograficamente não inundáveis, por vezes distante centenas de metros das margens dos leitos fluviais permanentes (Corixa Grande, riacho São Sebastião e Jauru), implantaram-se, no período Pré-colonial, extensos aldeamentos de grupos indígenas agricultores, fabricantes de recipientes de cerâmica possuidores das características da Tradição Descalvado. Essas ocupações estão sobrepostas a outros níveis arqueológicos que talvez possam incluir a presença de caçadores/coletores.

Como exemplos dessas evidências pode-se citar o sítio Rio Jauru, localizado em um terraço elevado sobre uma concavidade da margem direita do rio Jauru, nas proximidades do povoado conhecido como Porto Limão, ou ainda os sítios

Riacho São Sebastião 3 e Riacho São Sebastião 4, todos com mais de 1 km de eixo maior. Estes sítios localizam-se próximos uns dos outros em média três quilômetros. Devido a problemas técnicos, específicos da obra, não foi possível desviar o traçado do gasoduto desses sítios arqueológicos, optando-se, portanto, como alternativa mitigadora, pelos trabalhos de resgate arqueológico.

Os procedimentos de resgate arqueológico restringiram-se à faixa de serviço do gasoduto. Os trabalhos desenvolveram-se por meio da abertura de furos de sondagem, bem como de trincheiras e áreas de decapagem, sendo os dados arqueológicos coletados e registrados quanto à sua localização tridimensional e inserção na estratigrafia do solo.

Segundo Gasocidente/Prime (1998), o solo da margem direita do rio Jauru, pesquisado nas escavações arqueológicas, apresentava *argila limosa com pouca areia*, variando de cor cinza clara a amarela. Essa classificação é extensiva ao contexto dos três sítios aqui analisados.

A partir da associação com os dados arqueológicos, observou-se que a estratigrafia dos sítios pesquisados era composta por duas camadas principais: a primeira camada, cinza, com espessura média de 40 cm e a segunda, amarela, atingindo mais de 1,5 m de profundidade. O horizonte cerâmico localizava-se, aproximadamente até 50 cm de profundidade.

1. Escavações arqueológicas no Sítio Rio Jauru/ Setor 4 (JU1) - UTM E390667/S8213700

Após o trabalho de sondagens arqueológicas, por uma extensão de mais de 350m na faixa de serviço, a partir do ponto onde tem início o “furo direcional”, definiu-se o contexto que deveria ser objeto das escavações de resgate arqueológico. Assim, foi aberta sobre a área projetada para ser a vala da tubulação, uma trincheira com 200 m de extensão por 1 m de largura, atingindo, em vários segmentos, 2m de profundidade. Perpendicularmente a essa trincheira principal (T1) foram abertas outras 9 trincheiras, pretendendo-se com isso contemplar a largura da faixa de serviço e os limites das concentrações de material arqueológico (v. Fig. 1). A abertura dessas trincheiras permitiu também a visualização do perfil estratigráfico do sítio.

Durante os trabalhos de resgate acima descritos coletaram-se significativos conjuntos de material arqueológico. Os vestígios são predominantemente fragmentos de cerâmica, dos quais, nos níveis superiores, um número significativo é composto por peças que apresentam vestígios de engobo vermelho, típico da Tradição Descalvado. Algumas amostras desse material foram enviadas para datações radiométricas. Também foram coletadas algumas lascas de sílex, havendo retoques em algumas delas. Após 1,5 metro de profundidade, encontraram-se somente algumas lascas. Na área estudada, a densidade de estruturas de combustão foi insignificante.

Foram processadas, até o momento 22 datações radiométricas, empregando-se o método da termoluminescência, no Laboratório de Vidros e Datações da Faculdade de Tecnologia de São Paulo-FATEC (LVD), sob a coordenação da Profa. Dra. Sonia Hatsue Tatumi, obtendo-se os resultados apresentados a seguir:

As datações obtidas no sítio Rio Jauru, mesmo as relativas às camadas superficiais, mostram que essas ocupações são, pelo menos trezentos anos anteriores ao início da colonização ibérica na região. Esses vestígios arqueológicos poderiam estar associados ao universo chiquitano Pré-colonial, cujos produtores teriam sido deslocados pela instabilidade etno-espacial, no oriente boliviano, provocada pelo advento do Tawantinsuyu. A relação das datações do sítio Jauru-setor 4, com a visualização dos níveis estratigráficos, sugere a existência de pelo menos dois momentos distintos, subsequentes, de ocupações por grupos ceramistas pré-coloniais, sendo o horizonte correspondente à Tradição Descalvado (camada cinza e início da amarela) o mais recente e mais denso em termos de material arqueológico. Observou-se também a presença de uma camada de material arqueológico que deve corresponder a ocupações de caçadores/coletores. Isto foi evidenciado por meio de uma discreta ocorrência de material lítico lascado a uma profundidade maior que 1 metro (camada amarela). A sobreposição de ocupações, aparentemente consecutiva por mais de 600 anos, confere ao local do sítio Rio Jauru atributos ambientais que devem ter sido muito significativos na atração e fixação de populações nativas.

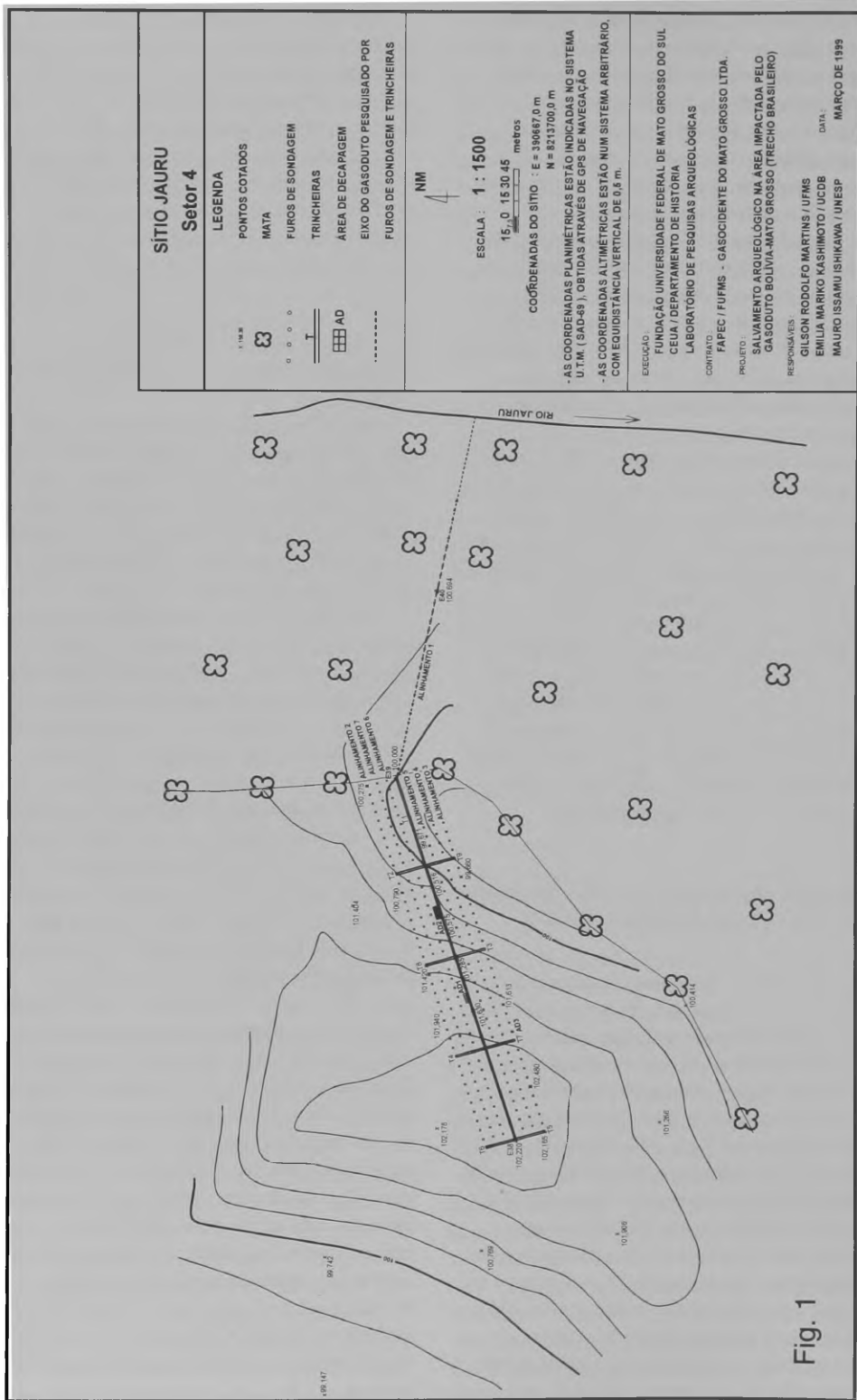


TABELA 1

Amostra (código LVD)	superfície do fragmento	trincheira	metro	profundidade (cm)	Datação (AP)
206/JR-amostra 2	lisa	setor 1		superfície	965 ± 100
226/JR-amostra 22	lisa	T7	11	00-10	830 ± 90
221/JR-amostra 17	lisa	T1	200	00-10	990 ± 100
213/JR-amostra 9	lisa	T1	124	10-20	820 ± 90
214/JR-amostra 10	lisa	T1	134	10-20	890 ± 90
210/JR-amostra 6	lisa	T1	105	10-20	940 ± 100
216/JR-amostra 12	lisa	T1	142	10-20	945 ± 110
227/JR-amostra 23	lisa	T1	145	20-30	810 ± 85
208/JR-amostra 4	lisa	sondagem	71	20-30	950 ± 100
220/JR-amostra 16	lisa	T1	194	20-30	995 ± 100
225/JR-amostra 21	lisa	T7	8	20-30	1030 ± 100
212/JR-amostra 8	engobo vermelho	T1	122	20-30	1140 ± 110
223/JR-amostra 19	lisa	T4	4	20-30	1350 ± 140
207/JR-amostra 3	lisa	T1	31	30-40	1000 ± 110
215/JR-amostra 11	lisa	T1	139	30-40	1035 ± 100
218/JR-amostra 14	lisa	T1	152	30-40	1500 ± 150
222/JR-amostra 18	lisa	T2	10	30-40	1520 ± 160
211/JR-amostra 7	lisa	T1	118	40-50	1300 ± 125
224/JR-amostra 20	lisa	T7	1	40-50	1340 ± 140
219/JR-amostra 15	lisa	T1	186	40-50	1350 ± 130
217/JR-amostra 13	lisa	T1	143	40-50	1400 ± 150
209/JR-amostra 5	bolota lisa	T1	79	70-80	2300 ± 300

As datações relativas aos sítios Riacho São Sebastião 3 e 4, estão, no momento, sendo processadas no LVD. Assim que estiverem concluídas, permitirão análises comparativas entre os três sítios pesquisados, ocasionando melhores condições de leitura temporal e espacial das relações intra-sítios e intersítios.

2. Escavações arqueológicas no Sítio Riacho São Sebastião 4 (SE4) - UTM E385667/S8211537

O sítio Riacho São Sebastião 4, situado na alta vertente da margem esquerda do riacho São Sebastião apresentou, durante os trabalhos de levantamento, expressivas concentrações de fragmentos de cerâmica distribuídas na superfície. Efetuou-se uma coleta sistemática de superfície, definindo-se para tal 275 quadrículas de 25m² cada uma, o que abrangeu uma área total de 6.875m². Conjuntamente foram abertos 98 furos de sondagem, espaçados em 5m, cobrindo uma extensão de 490m.

No trecho onde foi observada a maior concentração de material foram abertas trincheiras e áreas de decapagem. Na área de decapagem 1 foi evidenciada uma estrutura de sepultamento composta por dois recipientes intactos, tampados, cuja superfície externa apresenta vestígios de engobo vermelho típico da Tradição Descalvado. Um destes recipientes era uma urna funerária que continha em seu interior um *tembetá*, contas de colar e vestígios de ossos (muito friáveis, não permitiram a sua identificação) (v. Fig. 2). Dentre os demais vestígios cerâmicos coletados destacam-se ainda uma estatueta zoomorfa, diversas alças de recipientes e uma base, localizados entre 30 e 60cm de profundidade. (v. Figs. 3 e 4).

3. Escavações arqueológicas no Sítio Riacho São Sebastião 3 (SE3) - UTM E383810/S8210764

O sítio Riacho São Sebastião 3, implantado na alta vertente da margem direita de um corixo (microbacia do riacho São Sebastião), apresen-

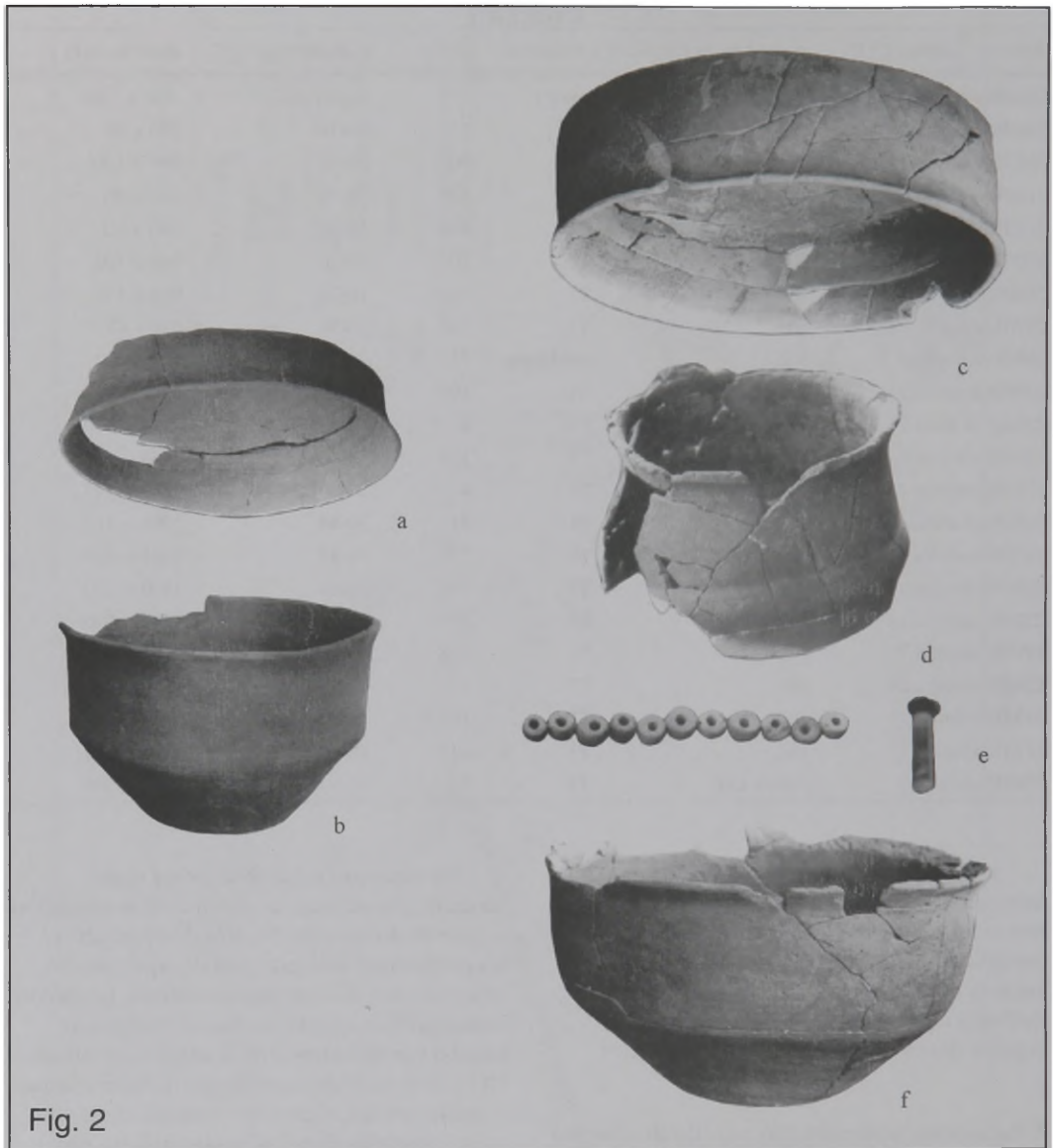


Fig. 2

tou afloramento de material cerâmico por mais de 1km de extensão, isto considerando-se somente o que foi observado na faixa de serviço.

O procedimento adotado foi uma coleta sistemática de superfície em toda a largura da faixa de serviço, abrangendo uma área total de 26.250m². A delimitação das concentrações de material baseou-se também na abertura de 211 poços de sondagem, espaçados em 5m, totalizando uma extensão de 1.055m. Nos locais onde havia maior concentração de material arqueoló-

gico, evidenciados durante as sondagens, foram abertas trincheiras e áreas de decapagem.

Dentre o material coletado, destacam-se fragmentos de parede de cerâmica com engobo vermelho e/ou linhas incisadas, além de peças com alça, duas pequenas estatuetas – uma antropomórfica e outra zoomórfica –, dois “pingentes”, uma rodela de fuso, um carimbo, todos com superfície alisada, sem engobo (v. Figs. 3, 4 e 5). A maior parte do material encontrava-se principalmente entre 30 e 60cm de profundidade.

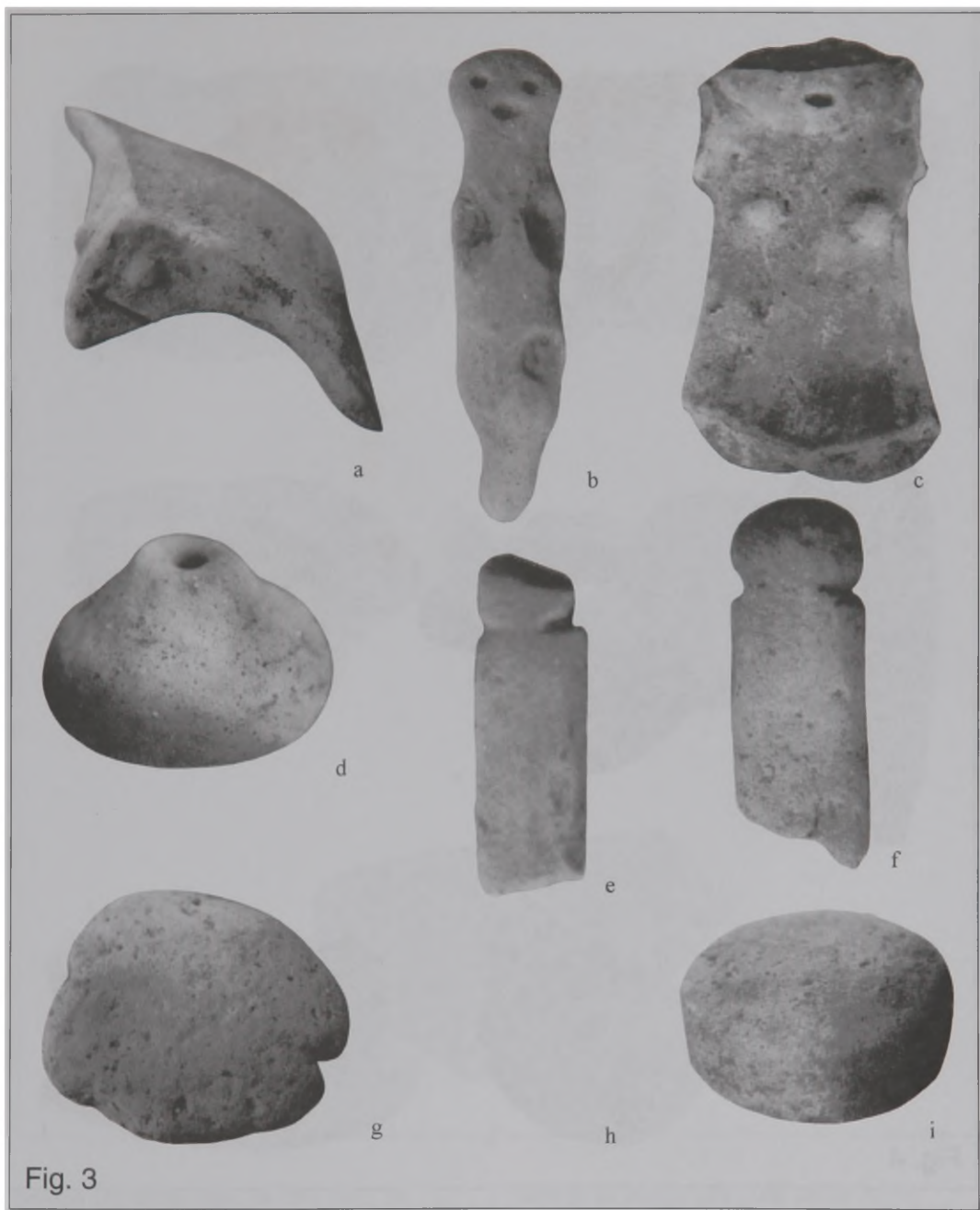


Fig. 3

Numa análise preliminar, embora o enfoque do resgate tenha ficado restrito à faixa de serviço, o perfil do sítio permite visualizar parcialmente o padrão de assentamento, ou seja, o local teria sediado uma grande aldeia de índios ceramistas, análoga a outras já registradas pela Arqueologia na bacia do Alto Paraguai, sobretudo

do àquelas caracterizadas como filiadas à Tradição Descalvado.

Considerações finais

Os sítios da Tradição Descalvado, segundo os estudos retrocitados (Wüst & Migliácio),



seriam de três tipos distintos: sítios habitacionais e cemitérios, os quais estariam, na sua maioria localizados sobre barrancos do rio Paraguai e alguns sítios com sepultamentos secundários instalados em aterros.

O que os trabalhos do *PSAGBM*, entre outros aspectos, ilustraram, até o momento, no

que diz respeito aos locais preferenciais para ocorrência dos sítios da Tradição Descalvado é que os mesmos não estão restritos às margens do rio Paraguai. Os trabalhos de levantamento e as escavações realizadas durante o desenvolvimento desse projeto ampliaram o conhecimento que se tinha até então, mostrando que esses sítios se

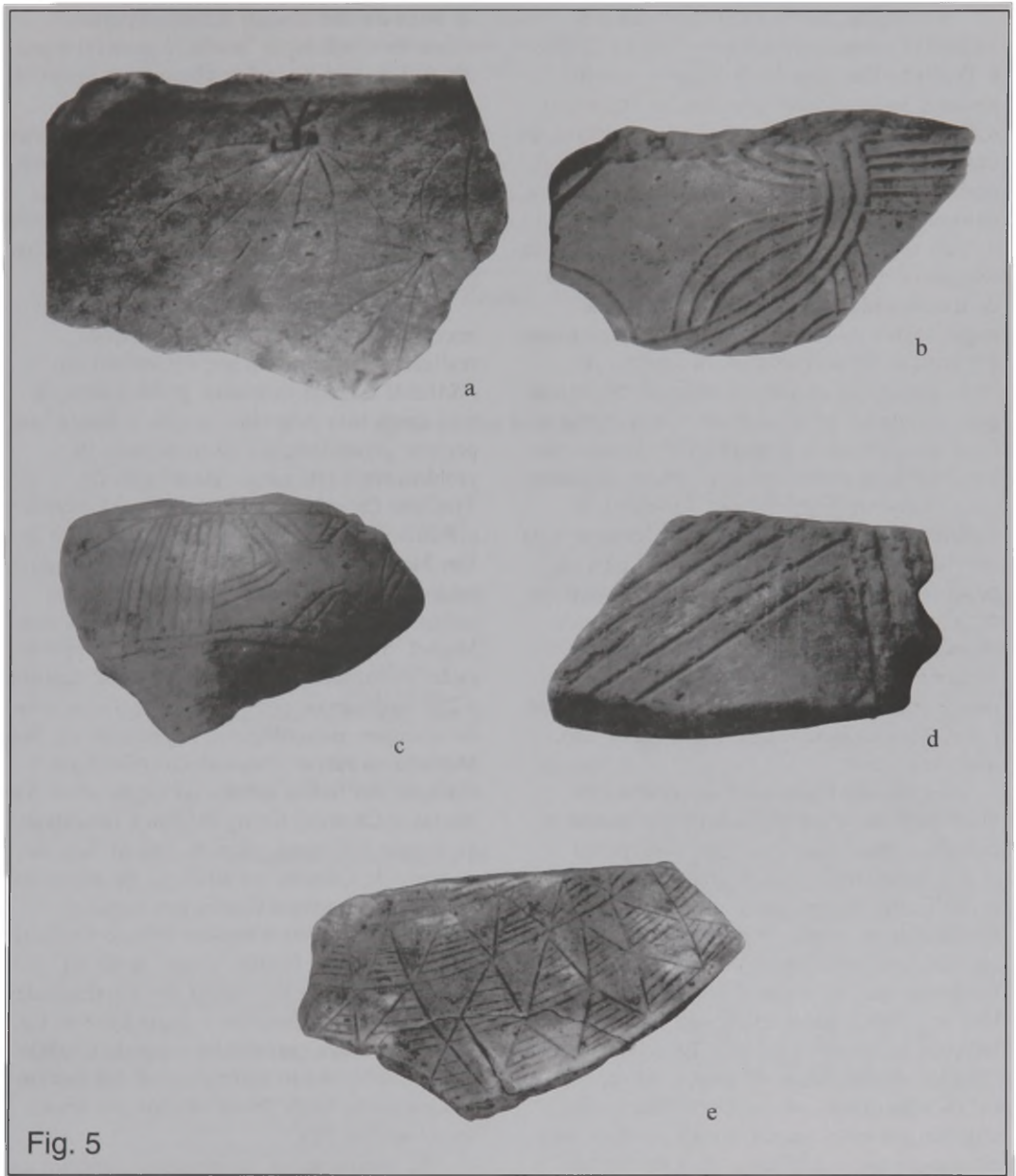


Fig. 5

fizeram presentes, tanto na área rural de Cárceres (sítio Serra da Chapadinha 2, na estrada para Barra do Bugres), distante da margem esquerda do rio Paraguai, como na área do riacho São Sebastião, afluente direito do médio curso do rio Jauru, ou seja, afastados das margens de um grande rio. Este é o caso também do Sítio Facão, em Cárceres. Isso sugere uma reconsideração da idéia de que em

termos de morfologia esses sítios seriam lineares e paralelos às margens de grandes rios. Outra contribuição ao melhor conhecimento da Tradição Descalvado foi a descoberta de objetos cerâmicos antropomórficos, carimbo, novos formatos de recipientes e alguns tipos de adornos, que no futuro servirão para uma melhor caracterização dessa tradição.

A extensão dos sítios localizados pelo *PSAGBM* e considerados como sendo filiados à Tradição Descalvado, sobretudo aqueles situados na região do rio Jauru, mostrou que estes sítios correspondem a grandes aldeias de índios ceramistas, agricultores, tecelões e portadores de complexas manifestações sócio-culturais.

Os resultados obtidos com os trabalhos de resgate contribuíram para o aprofundamento de uma abordagem científica da realidade arqueológica do Alto Paraguai, pois permitiram a aquisição de uma expressiva amostra de itens integrantes da cultura material de populações instaladas preteritamente nessa região e hoje desaparecidas. Considerando-se que não havia nenhum conhecimento anterior referente a esse contexto (médio curso do Jauru), o trabalho aí desenvolvido permitiu levantar uma série de problemas a serem considerados em pesquisas futuras. Foi ainda possível estabelecer uma relação arqueológica com os outros sítios existentes na área influenciada pela bacia do rio Jauru, em seu médio curso, os quais também foram identificados pelo *PSAGBM*, porém fora da faixa do gasoduto e, por isso, não escavados.

O etnônimo Chiquitos é um produto da visão geopolítica colonial ibérica que resume e camufla a diversidade e complexidade étnica existente em uma região de grande significado geográfico e arqueológico, isto enquanto área de confluência ou dispersão de culturas indígenas. Na realidade Pré-colonial não havia o contorno fronteiriço que, no presente, caracteriza a Província de Chiquitos como uma área cultural indígena do oriente boliviano (Etnoconjunto Del Oriente). A pluralidade de grupos indígenas era tão expressiva que possivelmente o território utilizado por esses grupos deveria ser bem mais extenso do que o definido a partir do Período Colonial. Os relatos dos cronistas do século XVI e início do XVII nada informaram sobre a realidade etnográfica da área entre a barra do Jauru e o Alto Paraguai. As expedições espanholas, antes de adentrarem no Chaco, tinham o Porto de Los Reys, ao sul da lagoa Gaíba, como meta setentrional, ou seja, toda a área da bacia

do Jauru não foi visitada durante o primeiro século da colonização. Assim, é possível supor que a dispersão das tribos chiquitanas orientais, antes da colonização, poderia abranger o território brasileiro entre San Matias e o rio Jauru, ou mesmo as margens do Paraguai, nas proximidades de Cáceres, mesmo não tendo os atuais Chiquito da região, traços culturais que permitam a sua associação direta aos sítios arqueológicos pesquisados.

Várias questões permanecem abertas. É necessário ressaltar que as escavações realizadas durante o desenvolvimento do *PSAGBM* ficaram limitadas, precisamente, à área impactada pela obra, o que, portanto, não permite generalizações no tratamento de problemáticas tais como: Há relação da Tradição Descalvado com os índios Chiquito pré-coloniais? Qual a relação dos Chiquito de San Matias com a realidade arqueológica do médio curso do rio Jauru? Há relação dos índios Chiquito das Missões de Santana, San Miguel, Santo Ignacio e San Rafael, as quais estão localizadas a uma distância não superior a 250 quilômetros dos sítios do rio Jauru, com os vestígios arqueológicos registrados em San Matias e no Jauru? Como explicar a origem e extinção dos índios Bororo da região entre San Matias e Cáceres? Existe cerâmica Descalvado no oriente boliviano, além de San Matias, ou ao norte de Cáceres, ou ainda na cabeceira do rio Jauru? Os índios Otuke, que segundo alguns autores teriam alguma relação linguística com os índios Bororo, e que, ainda no começo deste século, viviam nas proximidades da ferrovia entre Corumbá e Santa Cruz de La Sierra, poderiam também ter ocupado a região do rio Jauru, sendo antepassados dos Bororo Ocidentais os quais foram citados por viajantes no século XIX?

As interrogações, no momento superam em muito as respostas. Pesquisas arqueológicas no oriente boliviano são fundamentais para clarear esses problemas, no entanto, a região chiquitana é uma área ainda pouco conhecida pela arqueologia boliviana que concentra suas ações, até o momento, de forma mais intensa, sobre a problemática andina.

MARTINS, G.R.; KASHIMOTO, E.M. Archaeology of the Jauru River (MT) context, impacted by the Bolivia-Mato Grosso gas pipeline. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 10: 121-143, 2000.

ABSTRACT: This article aims to understand the connections between the archaeological remains collected in the archaeological rescue research done in the region of the middle course of the River Jauru, Mato Grosso state, Brazil, and the Chiquito Indians, currently inhabiting the region.

UNITERMS: Archaeological Rescue – Jauru River, Mato Grosso State – Chiquito Indians.

Referências bibliográficas

- ALBUM GRAPHICO DO ESTADO DE MATTO GROSSO
1914 Corumbá/Hamburgo, S. Cardoso Ayala/F. Simon.
- AZARA, F.
1923 *Viajes por la América Meridional*. Madrid: Calpe.
- BASTOS, U.R.A.
s/d Os jesuítas e seus sucessores (Moxos e Chiquitos – 1767-1830). Dissertação de Mestrado em História. São Paulo, FFLCH-USP.
1979 Expansão territorial do Brasil colônia no vale do Paraguai (1767-1801). São Paulo, FFLCH-USP.
- CABEZA DE VACA, A.N.
1984 *Naufraágios y comentarios*. Madrid, História 16.
- CARDIEL, J.
1988 *Las misiones del Paraguay*. Madrid: Edición de Héctor Sáinz Ollero.
- CASTELNAU, F.
1949 *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- CIMAR-CENTRO DE INVESTIGACIÓN Y MANEJO DE RECURSOS NATURALES RENOVABLES
1996 *Comunidades, Territorios Indígenas y Biodiversidad en Bolivia*. Santa Cruz de la Sierra, Universidad Autónoma Gabriel René Moreno.
- CORTESÃO, J.
1958 *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.
- COURTEVILLE, R.
1938 *Le Matto-Grosso*. Paris: Payot.
- D'ORBIGNY, A.
1945 *Viaje a la América Meridional*. Buenos Aires: Editorial Futuro.
- FONSECA, J.S.
1986 *Viagem ao redor do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora.
- GANDIA, E.
s/d *Historia del Gran Chaco*. Madrid: Sociedad General Española de Librería.
- GASOCIDENTE/PRIME – GASOCIDENTE DO MATO GROSSO/PRIME ENGENHARIA
1998 *PBA-Plano Básico Ambiental*. São Paulo, PRIME Engenharia.
- GIÓRGIS, P.C.
1994 Propriedades e manutenção das reduções jesuíticas com os índios chiquitos. *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários* (Santa Rosa), 1: 168-181.
- HAGEN, U.
1992 *História oral com ejemplos de los indígenas chiquitanos*. Santa Cruz de la Sierra, Apoyo para el Campesino Indígena del Oriente Boliviano.
- INSTITUTO DE INVESTIGACIONES GEOHISTÓRICAS
1996 Cartas anuas de la provincia jesuítica del Paraguay 1641 a 1643. *Documentos de Geohistória Regional* (Resistência/Chaco), 11.
- JARDIM, R.J.G.
1869 Creação da directoria dos índios na Província de Mato Grosso. *Revista Trimensal de Historia e Geographia* (Instituto Historico e Geographico Brasileiro), IX: 548-554.
- KASHIMOTO, E.M.
1997 O uso de variáveis ambientais na detecção e resgate de bens pré-históricos em áreas arqueologicamente pouco conhecidas. *Atas do Simpósio Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural*, 1: 91-94.
- LIMA, T.A.
1986 Cerâmica indígena brasileira. *Sum. Etnológica Brasileira*, 2: 173-230.
- LIMA e COSTA, I.F.
1994 Chiquitos: estrutura das missões jesuíticas do Oriente Boliviano no Século XVIII. *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários* (Santa Rosa), 1: 151-167.

- 1997 Missões Religiosas: um enclave jesuíta no Oriente Boliviano – chiquitos. *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missionários* (Santa Rosa), 2: 581-595.
- LOBO, E.M.L.
1960 Caminho de chiquitos às missões guaranis de 1690 a 1718. *Revista de História*, 20. São Paulo, FFLCH-USP: 84-104.
- MAEDER, E.J.A.
1997 Las Misiones de Chiquitos en la Etapa Post Jesuítica (1768-1830). Organización política y estructura demográfica. *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missionários* (Santa Rosa), 1: 273-296.
- MALDI, D.
1997 De confederados a bárbaros: a representação da territorialidade das fronteiras indígenas nos séculos XVII e XIX. *Revista de Antropologia*, 40 (2): 183-221.
- MARTINS, G.R.
1997 Avaliação de impactos arqueológicos de empreendimentos regionais e medidas mitigadoras aplicáveis. *Atas do Simpósio Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural*, 1: 66-70.
- MARTINS, G.R., BALTAZAR, P.; FREITAS FILHO, J.D.
1993 *Relatório de avaliação e diagnóstico na área afetada pela construção do Gasoduto Bolívia-Brasil, trecho Terenos-Três Lagoas/MS*. Campo Grande, FAPEC/PETROBRÁS. (não publicado).
- MARTINS, G.R.; KASHIMOTO, E.M.
1997 *Relatório de prospecção arqueológica na área a ser diretamente impactada pelo Gasoduto Bolívia-Brasil em Mato Grosso do Sul - Trecho Terenos/Três Lagoas*. Campo Grande, FAPEC/PETROBRÁS. (não publicado).
- 1998 Arqueologia na área impactada pelo Gasoduto Bolívia-Brasil: trecho Terenos-Três Lagoas/MS. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 8: 87-107.
- 1999a *Resgate arqueológico na área do gasoduto Bolívia/Brasil em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, Editora da UFMS.
- 1999b Projeto salvamento arqueológico na área impactada pelo gasoduto Bolívia-Mato Grosso (trecho brasileiro): primeiro relatório trimestral. Campo Grande, FAPEC/GASOCIDENTE (não publicado).
- 1999c Projeto salvamento arqueológico na área impactada pelo gasoduto Bolívia-Mato Grosso (trecho brasileiro): segundo relatório trimestral. Campo Grande, FAPEC/GASOCIDENTE (não publicado).
- 1999d Projeto salvamento arqueológico na área impactada pelo gasoduto Bolívia-Mato Grosso (trecho brasileiro): terceiro relatório trimestral. Campo Grande, FAPEC/GASOCIDENTE (não publicado).
- 1999e Projeto salvamento arqueológico na área impactada pelo gasoduto Bolívia-Mato Grosso (trecho brasileiro): quarto relatório trimestral. Campo Grande, FAPEC/GASOCIDENTE (não publicado).
- MEIRELES, D.M.
1989 *Guardiães da Fronteira – rio Guaporé, século XVIII*. Petrópolis: Editora Vozes.
- MENDES, N.F.
1998 *Memória Cacerense*. Cáceres: Carlini & Caniato.
- MENDONÇA, M.C.
1985 *Rios Guaporé e Paraguai primeiras fronteiras definitivas do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Reprodutiva Xerox.
- MÉTRAUX, A.
1942 The native tribes of Eastern Bolivia and Western Mato Grosso. *Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology/Bulletin* 134.
- MIGLIACIO, M.C.; WÜST, I.
1994 Averiguação de denúncias de destruição de sítios arqueológicos no município de Cáceres, Mato Grosso – Fazendas Facão e Ressaca. Cuiabá, IPHAN (não publicado).
- MMA-MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, DOS RECURSOS HÍDRICOS E DA AMAZÔNIA LEGAL
1997 *Plano de conservação da Bacia do Alto Paraguai – PCBAP/Projeto Pantanal, Programa Nacional do Meio Ambiente*. Brasília: Programa Nacional do Meio Ambiente.
- MURATORI, L.A.
1983 *Relation des missions du Paraguay*. Paris: La Découverte.
- NATRONTEC/ENTRIX
1998 Levantamento Arqueológico Preliminar – Gasoduto San Matias-Cuiabá. Campinas/Rio de Janeiro, UNICAMP/UERJ. (relatório não publicado).
- PETRULLO, V.M.
1932 Primitive peoples of Mato Grosso Brazil. *The Museum Journal*, 22 (2): 91-124.
- RIESTER, J.
1967/ [1968] El habla popular del Oriente boliviano: el Chiquito. *Revista de Antropologia*, 15/16: 171-196.
- 1981 *Arqueologia y arte rupestre en el Oriente boliviano*. La Paz: Editorial los Amigos del Libro.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M.
1996a *A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: origens e desenvolvimento*. Tese de Doutorado em Arqueologia. São Paulo, FFLCH-USP.
- 1996b Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro. *Revista Museu de Arqueologia e Etnologia*, 6: 83-121.
- RONDON, C.M.
1949 *Relatório dos trabalhos realizados de 1900-1906*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional.

- SCHMIEDL, U.
1986 *Relatos de la conquista del Rio de la Plata y Paraguay 1534-1554*. Madrid: Alianza Editorial.
- SCHMIDT, M.
1940 Hallazgos prehistóricos en Matto-Grosso. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, V (1): 27-71.
1942 *Estudos de etnologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; ROSA, A.O.; BEBER, M.V.
1998 Aterros indígenas no pantanal do Mato Grosso do Sul. *Pesquisas*, 54. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas.
- SCHUCH, M.E.J.
1994 *Xaray e Chané: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no Alto Paraguai*. Dissertação de Mestrado em História. São Leopoldo, Centro de Educação e Humanismo da UNISINOS.
- SOUTHEY, R.
1981 *História do Brasil*. São Paulo: Editora Itatiaia/EDUSP (Coleção Reconquista do Brasil, v. 3)
- SUSNIK, B.
1961 *Clasificación de las poblaciones indígenas del area chaqueña* (Manual de etnografía paraguaya). Asunción, Museo Etnográfico "Andrés Barbero": 209-212.
1972 Dimensiones migratorias y pautas culturales de los pueblos del gran Chaco y de su periferia (enfoque etnológico). *Suplemento Antropológico*, 7 (1-2): 85-108.
1978 *Etnografía del Chaco Boreal y su periferia (siglos XVI y XVIII)* – (Serie "Los Aborígenes del Paraguay", 1). Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero".
1994 *Interpretación etnocultural de la complejidad sudamericana antigua. I – Formación y dispersión étnica*. Asunción, Museo Etnográfico "Andrés Barbero".
- VIALOU, A.; VIALOU, D.
1994 Les premiers peuplements préhistoriques du Mato Grosso. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 91 (4/5): 257-263.
- VIETLER, R.B.
1986 A formação da sociedade Bororo: mitologia e considerações etno-históricas. *Revista de Antropologia*, 29: 1-39.
- WÜST, I.
1983/ [1984] A pesquisa etnoarqueológica entre os Bororo do Mato Grosso. *Arquivos do Museu de História Nacional*, VIII/IX: 285-296.
1987/ [1988] [1989] A pesquisa arqueológica e etnoarqueológica na parte central do território Bororo. *Revista de Antropologia*, 30/31/32: 21-36.
1990 Continuidade e mudança: para uma interpretação dos grupos pré-coloniais na bacia do rio Vermelho, Mato Grosso. Tese de Doutorado em Antropologia. São Paulo, FFLCH-USP.
1992 Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2: 13-26.
1998 Continuities and discontinuities: archaeology and ethnoarchaeology in the heart of the Eastern Bororo territory. *Antiquity*, 72: 663-75.
- WÜST, I.; BARRETO, C.
1999 The ring villages of Central Brazil: a challenge for Amazonian archaeology. *Latin American Antiquity*, 10 (1): 3-23.
- WÜST, I.; MIGLIÁCIO, M.C.
1994 Programa para preservação do patrimônio arqueológico pantaneiro. Goiânia/Cuiabá, UFG/IPHAN. (não publicado).
1997 Vistoria no Sítio MT-BU-010 Carne Seca. Goiânia/Cuiabá, UFG/IPHAN. (não publicado).

Recebido para publicação em 2 de junho de 2000.